



## **PCC: a institucionalização do crime no Estado de São Paulo**

**Palavras-Chave: Primeiro Comando da Capital, institucionalismo, Poder do Crime.**

**Autores/as:**

**Helena Bellan de Camargo - UNICAMP**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Oswaldo Martins E. do Amaral (orientador) - UNICAMP**

---

### **INTRODUÇÃO:**

O Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma organização criminosa que nasceu no seio do sistema penal brasileiro como resposta ao “Massacre do Carandiru”, evento que acarretou no assassinato, por mãos da polícia militar, de 111 detentos. A facção surge como protetora dos direitos dos detentos e tem como lema a Paz, a Justiça e a Liberdade. Porém, com o decorrer do tempo, foi crescendo e dominando outros territórios que não os presídios, estando presente hoje em mais de 14 estados brasileiros e sendo tida como a maior facção do Brasil. Este trabalho se propôs a analisar o desenvolvimento do PCC e, através do neo-institucionalismo, ou seja, lendo-o como uma instituição e compreendendo o processo de formação - que não necessariamente coincide com o surgimento da facção - e perpetuação da mesma, compreender qual a relação que foi estabelecida entre o Poder do Crime e o Poder do Estado em São Paulo, ou seja, como que os dois poderes convivem e quais os limites de ação e organização de cada um deles, tendo como principal foco o Poder do Crime.

Para tanto, foram selecionadas matérias do jornal O Estado de S. Paulo entre os anos de 2000 e 2020 e, a partir disto e da bibliografia pertinente, como artigos do sociólogo e pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da USP, Gabriel Feltran, como o livro “Cobras e Lagartos” do jornalista Josmar Jozino e como o livro “Laços de Sangue: a história secreta do PCC”, escrito pelo

procurador Marcio Sergio Christino e pelo jornalista Cláudio Tognolli, foi traçada uma linha do tempo da facção e a mesma foi analisada através da teoria neo-institucionalista, para que fosse possível compreender o caminho traçado pelo PCC e suas estratégias para garantir domínio em grandes territórios e se manter enquanto instituição criminosa.

## **METODOLOGIA:**

A metodologia adotada no presente projeto foi dividida entre a parte teórica e a empírica. Para a parte teórica foi coletado material referente à teoria neo-institucionalista, tendo sido usado como principal embasamento teórico os textos: “*As três versões do neo-institucionalismo*” de Peter A. Hall e Rosemary Taylor, “*The new institutionalism: organizational factors in political life*”, de



James G. March e Johan P. Olsen, a introdução do livro “*The new institutionalism in organization analysis*” de Paul J. DiMaggio e Walter W. Powell, o artigo “*A Theory of gradual change*” do livro “*Explaining institutional change: Ambiguity, Agency and Power*”, de Orfeu Fioretos, Tulia G. Falletti e Adam Sheingate e o artigo de James Conran e

Kathleen Thelen “*Institutional Change*”.

A parte empírica se baseou na conversa com algumas personalidades, cujos relatos entraram para ajudar na criação de um imaginário comum de compreensão do que é o crime organizado e quais os papéis que o PCC ocupa na vida das pessoas, sejam elas apenas moradores de regiões dominadas pela facção, sejam elas profissionais que lidam com a organização no dia a dia de trabalho ou até como objeto de estudo, como foi o caso do entrevistado Bruno Paes Manso.

Para além das conversas, foi realizada uma coleta e seleção de artigos jornalísticos retirados do acervo do Estadão e, a partir da diagramação destes artigos selecionados e referentes ao tema na pesquisa traçado, foi esquematizada uma linha do tempo dos eventos que cabem para este trabalho a fim de compreender, através do material fornecido pelas reportagens em conjunto com os materiais etnográficos e jornalísticos retirados de livros como *Cobras e Lagartos: a verdadeira história do PCC*” de Josmar Jozino, “*Irmãos: uma história do PCC*” de Gabriel Feltran, “*Laços de sangue: a história secreta do PCC*” de Marcio Sergio Christino e Cláudio Tognolli, a trajetória do PCC e

compreender se seria possível analisá-lo como uma instituição e traçando a relação estabelecida entre os dois poderes em atrito: o Poder do Estado e o Poder do Crime.

## **DISCUSSÃO, RESULTADOS E CONCLUSÃO:**

A discussão proposta pelo presente trabalho diz respeito à compreensão do Primeiro Comando da Capital enquanto instituição, tendo se baseado na teoria neo-institucionalista para defender a tese de que a relação entre o Poder do Estado e o Poder do Crime é de esfera institucional e, portanto, organizacional.

O neo-institucionalismo surge, como entendido pela maioria dos neo-institucionalistas, como uma resposta ao behaviorismo que era, até então, a ferramenta de análise política e social. As críticas a esta antiga escola de pensamento giravam em torno da falta de ênfase, e até de reconhecimento da existência das instituições como instrumento de compreensão sobre as questões políticas e sociais.

Surgindo como uma necessária mudança na ciência política, o neo-institucionalismo, por mais que ainda não esteja concretizada enquanto método, sendo formada por mais de uma escola teórica, começa a delinear uma nova visão sobre as relações políticas e de comportamento político-social. Partindo de uma compreensão do que são as instituições, como e porque elas surgem, qual a relação das mesmas com a sociedade as quais regem e quais as formas institucionais e de agentes institucionais e colocando em pauta também a “capacidade” de preservação, de extinção, de substituição e de mudança de instituições já estabelecidas, o neo-institucionalismo pretende entender a vida política e social a partir da ação das instituições: como as mesmas moldam a vida político-social e qual a relação estabelecida entre instituição e população.

Como mencionado anteriormente, o neo-institucionalismo não é uma teoria que segue uma única escola de pensamento, podendo ser dividida em três principais esferas: o neo-institucionalismo histórico, o neo-institucionalismo da escolha racional e o neo-institucionalismo sociológico. Não há, para Peter A. Hall e Rosemary Taylor (1991), uma única vertente a partir da qual seja possível analisar um fenômeno e compreendê-lo perfeitamente, sendo necessário analisar o objeto de estudo a partir das três vertentes.

A partir das análises feitas através da história do PCC traçada pelas reportagens do Estadão conjuntamente com as análises dos estudiosos sobre o tema, é possível observar que a formação da instituição Primeiro Comando da Capital surge a partir do momento que se firma a guerra entre facções e se concretiza o poder da facção, que demonstrou sua força e

mobilização através de revoltas em presídios em no começo dos anos 2000 (principalmente de 2001 a 2004) e na guerra contra a polícia militar e o Estado de São Paulo em 2006.

A criação da instituição pode ser entendida como uma quebra do pacto político dos atores e seu entorno e sua principal ambição é a monetária, ou seja, acaba por ser uma instituição que visa o lucro, podendo ser confundida com uma organização empresarial. Por conta do monopólio criado a partir do combate (que obteve sucesso a partir das análises feitas nas notícias que mostram que o PCC é a principal facção brasileira) acaba por organizar e monopolizar a organização do crime nacional - e desde 2017, quando Gegê do Mangue, então um dos líderes da facção, sai da cadeia e cria a 'Sintonia do Tomate', que organiza o tráfico na Europa e em demais países, internacional.

Assim, o PCC pode ser entendido como uma instituição lucrativa e analisada através da ótica do institucionalismo da escolha racional, pois se institucionaliza por meio de um acordo voluntário entre os agentes interessados na utilidade do potencial organizacional pensado enquanto uma instituição com fins lucrativos e que busca maximização dos resultados, somado com uma projeção das expectativas e ações dos demais componentes do grupo. Ao mesmo tempo, é uma instituição pautada pela relação entre atores que se comportam da forma como são influenciados pelo meio, que seria neste caso as condições - desumanas - as quais são submetidos os detentos nas prisões de São Paulo. O entorno e as vivências contam, por mais que não sejam os únicos fatores determinantes, para a existência e a manutenção da instituição PCC.

A perpetuação da instituição pode ser lida tanto pela ótica do neoinstitucionalismo sociológico como pelo neoinstitucionalismo da escolha racional: o primeiro defende que as instituições se mantêm por meio da legitimidade, o segundo que as instituições se mantêm, pois estão tão presentes no cotidiano, como norma e regra, que acabam por nem sequer serem questionadas. O PCC não se manteve estável e foi necessária uma mudança institucional gradual para que mantivesse os acordos voluntários, a legitimidade e a presença cotidiana - as leis não ditas que permeiam a vida de quem mora em território dominado pela facção.

O PCC é uma instituição que anda paralelamente às instituições regidas pelo Estado, não podendo ser considerado um Estado Paralelo, pois sua única função é de organização da ilegalidade e seu mote é o lucro. O Primeiro Comando da Capital se relaciona com o Estado na briga pela legitimidade, porém acaba por tomar espaços físicos e de organização social que o Estado falha em alcançar, sendo concretizada cada vez mais a sua posição de poder paralelo e

se modificando gradualmente para a manutenção do pacto voluntário firmado há tantos anos.

## **Bibliografia:**

HALL, Peter A. e TAYLOR, Rosemary C. R. “*As três versões do Neo-Institucionalismo*”. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, 2003

MARCH, James G. e OLSEN, Johan P. “*The new institutionalism: organizational factors in political life*”. The American Political Science Review, Vol. 78, No.3, 1983. DIMAGGIO, Paul e POWELL, Walter. “*Introdução*” em “*The new institutionalism in organization analysis*”, The University of Chicago Press, 2004.

MAHONEY, James e THELEN, Kathleen. “*A Theory of gradual change*” em “*Explaining institutional change: Ambiguity, Agency and Power*”, Cambridge University Press, 2009.

FIORETOS, Orfeu; FALLETI, Tulia G. e SHEINGATE, Adam. “*Historical Institutionalism in Political Science*” em “*The Oxford Handbook of Historical Institutionalism*”, Oxford University Press, 2016.

CONRAN, James; THELEN, Kathleen. “*Institutional Change*” em “*The Oxford Handbook of Historical Institutionalism*”, Oxford University Press, 2016.

JOZINO, Josmar. “*Cobras e Lagartos: a verdadeira história do PCC*”, Editora Via Leitura em 2017

CHRISTINO, Marcio Sergio; TOGNOLLI, Cláudio. “*Laços de sangue: a história secreta do PCC*”, Editora Matrix em 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes / Jean-Jacques Rousseau (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultura, 1983.

FELTRAN, Gabriel. Irmãos: uma história do PCC. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

GREIF, Avner. “*Introduction*” e “*Institutions and Transactions*” em “*Institutions and the Path to the Modern Economy*”, Cambridge University Press, New York, 2006.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Governo que produz crime, crime que produz governo: o dispositivo de gestão do homicídio em São Paulo (1992 – 2011)*. v. 6 n. 2 (2012): Revista Brasileira de Segurança Pública 11.

FELTRAN, G. S. (2013). Sobre anjos e irmãos: cinquenta anos de expressão política do “crime” numa tradição musical das periferias. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (56), 43-72.